

OCUPAÇÕES URBANAS INDÍGENAS: OBSERVAÇÕES SOBRE O CASO DOS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI EM ATALAIA DO NORTE (AMAZONAS, BRASIL)

JOSILENO ESTEVÃO MARUBO¹
UFAM, BRASIL
<https://orcid.org/0009-0009-9982-2664>

RESUMO: *Este artigo resulta de uma pesquisa etnográfica realizada com indígenas Marubo, Mayoruna, Kanamari e Matis, da Terra Indígena Vale do Javari, que residem na sede do município de Atalaia do Norte (Amazonas). O local escolhido para desenvolvimento da pesquisa foi o beco Júlio Maurício, onde realizei prática de campo, através de observação participante e coleta de depoimentos. Nos últimos anos, a saída de indígenas desta terra indígena tem aumentado e inclusive causado alguns problemas na área urbana do município, sendo o beco Júlio Maurício uma das ocupações recentes dos indígenas do Vale do Javari. Observei que os indígenas moradores desta área vieram com o objetivo de estudar, aprender a falar português e pela falta de estruturas das escolas; às vezes criticamos sem ter conhecimento e sem ter diálogo com as pessoas, mas cada um deles tem um objetivo para ser alcançado. Nos últimos anos, estima-se que quase a metade dos estudantes indígenas da TI já saíram das suas aldeias para estudar na cidade. No entanto, alguma coisa precisa ser feita para minimizar os problemas e criar outras alternativas, especialmente, para os jovens.*

PALAVRAS-CHAVE: *ocupações urbanas, indígenas, Vale do Javari.*

ABSTRACT: *This article is the result of an ethnographic research carried out with Marubo, Mayoruna, Kanamari and Matis Indians from the Javari Valley Indigenous Land, who live in the city of Atalaia do Norte (Amazonas). The place chosen for the development of the research was the alley Júlio Maurício, where I carried out field work by means of participant observation and collection of testimonies. In recent years, the movement of indigenous people from this indigenous land has increased and has even caused some problems in the urban area of the municipality, with the Júlio Maurício alley being one of the recent occupations of indigenous people from Javari Valley. I observed that the indigenous residents of this area came with the objective of studying, learning to speak Portuguese, and because of the lack of school structures; sometimes we criticize without having knowledge and without having dialogue with people, but each one of them has an objective to be reached. In recent years, it is estimated that almost half of the indigenous students of this Indigenous Land have left their villages to study in the city, however, something needs to be done to minimize the problems and create other alternatives, especially for the young people.*

KEYWORDS: *urban settlements, indigenous people, Javari Valle.*

¹ Bacharel em antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: maruboa90@gmail.com

Introdução

Este artigo trata de uma pesquisa etnográfica, realizada com indígenas das etnias Marubo, Mayoruna, Kanamari e Matis, da Terra Indígena (TI) Vale do Javari, que residem na sede do município de Atalaia do Norte (Amazonas). O local escolhido para desenvolvimento da pesquisa foi o beco Júlio Maurício. No decorrer do texto, irei abordar os motivos da saída das aldeias para a cidade, como, por exemplo, a busca por uma educação de qualidade.

A ideia do tema surgiu de um trabalho acadêmico da disciplina “Etnografia Indígena das Américas”, uma matéria ofertada como optativa para discentes do curso de Bacharelado em Antropologia, do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas (INC/UFAM), no segundo semestre de 2022.

Durante as aulas, os professores pediram para que cada aluno realizasse uma pesquisa etnográfica em comunidades indígenas ou áreas indígenas dos municípios da região. No meu caso, o município de Atalaia do Norte não possui comunidades indígenas próximas à cidade, sendo que as que ficam menos distante são necessários no mínimo dois dias para chegar, como as aldeias Irari II (comunidade Kanamari), Lago Grande (comunidade Mayoruna) e Lago do Tambaqui (comunidade Kanamari), localizadas no médio rio Javari. Portanto, a escolha para o trabalho acadêmico foi realizá-lo na sede do município, por falta de condições devido à distância para chegar às aldeias indígenas da TI. Sendo assim, durante a realização da prática de campo no beco Júlio Maurício foram coletados dados através da observação participante e de entrevistas.

Atalaia do Norte é um município brasileiro localizado no interior do Estado do Amazonas, fundado no dia 23 de fevereiro de 1955, vizinho aos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga, na região de fronteira com o Peru e a Colômbia. O município é conhecido por abranger grande parte da Terra Indígena Vale do Javari, a segunda maior reserva indígena brasileira.

Nos últimos anos, a saída de indígenas das aldeias tem aumentado e inclusive causado alguns problemas contínuos no município de Atalaia do Norte. Dentre várias ruas, o beco Júlio Maurício é uma das ocupações recentes dos indígenas do Vale do Javari. Os moradores do beco são das etnias Matis, Kanamari, Mayoruna e Marubo. O beco fica localizado entre duas ruas, Santa Luzia, conhecida como rua do Quixito², e estrada do Bóia³ (Imagem 1). A escolha da pesquisa etnográfica neste lugar teve como objetivo identificar a que etnias pertencem e observar a situação dos moradores indígenas.

² Nome foi dado pelo fato de que os moradores que vinham do rio Quixito, após demarcação de terra indígena do Vale do Javari, saíram de lá para morar nesse lugar. Por isso o nome foi colocado rua do Quixito.

³ Em referência ao Assentamento do Bóia passou a ser chamada de rua do Bóia, pelo aumento de moradores naquela rua. A estrada continua sendo parte do Assentamento, mas só algumas partes onde têm vários moradores e o prédio escola Municipal que contemplam o que é chamado de rua do Bóia.

Imagem 1 – Imagem de satélite da área urbana do município de Atalaia do Norte com indicação da área de estudo.



Fonte: Elaborado com software QGIS 3.26.3-Buenos Aires por Rodrigo Reis, 2023

Observações sobre o caso dos indígenas do Vale do Javari em Atalaia do Norte

Para a produção deste trabalho utilizei caderno de campo, caneta e aparelho celular para registros. No dia 18 de janeiro de 2023 realizei o levantamento da quantidade de casas e identifiquei as etnias. Em um segundo momento, no dia 23 de janeiro, foram realizadas entrevistas com indígenas e coleta de dados para compreender o motivo do deslocamento da aldeia para a cidade.

Conforme uma moradora da área, o antigo proprietário do beco Júlio Maurício era o senhor Walter Paiva de Souza, mais conhecido por Paraibinha, pai de Denis Paiva, atual prefeito do município. Segundo essa antiga moradora me relatou, era um sítio bonito, onde o proprietário tinha plantações de banana, milho, roças de macaxeira, cana-de-açúcar, entre outros tipos de plantações. Ela terminou dizendo que o Paraibinha era um dos homens que tinham muito dinheiro no município. Ele trabalhava com a madeira e era bem conhecido pelas pessoas. Depois de alguns anos, o dono vendeu algumas partes do terreno.

Dito isso, o beco Júlio Maurício também foi um local de casas de farinha. Perto dessas casas as pessoas faziam plantação de macaxeira para produção de farinha, principalmente no período de cheia dos rios no início mês de novembro até março. Quando chegava essa época, os moradores se reuniam para descascar macaxeira para fazer farinha.

A rua recebeu o nome de Júlio Maurício em homenagem ao antigo

vice-prefeito do município de Atalaia do Norte, que faleceu em um acidente fluvial por volta de 1990 junto com a comitiva do prefeito, e o beco recebeu o mesmo nome.

Imagem 2 – Entrada do beco



Foto: Arquivo pessoal, 2023.

Com o passar do tempo, devido ao aumento da população, houve mudanças. As pessoas que não tinham casas próprias invadiram o local começando a construir casas no meio do que antes era um matagal. Outros fizeram a limpeza do terreno para apropriar do local e assim surgiram moradores no beco com várias casas ao redor.

Durante o levantamento, eu identifiquei que os primeiros indígenas a morarem no local eram da etnia Kanamari, da família de Raimundo Dias Kanamari, pais do finado Edilson Kanamari, que se estabeleceram do lado da rua do Quixito, logo na entrada da rua que faz parte do beco Júlio Maurício, por volta do ano de 1998. Edilson começou sua luta juntamente com os Marubo, desde o início da luta do movimento indígena, mas não chegou a ver o resultado, pois morreu de hepatite. Sua família continuou morando na cidade até os dias atuais e deixou suas sementes para que seja lembrado pelas pessoas queridas:

Na Segunda Assembleia Indígena do Vale do Javari, em 1995, ocorrida em São Sebastião, o Clóvis foi eleito Coordenador Geral do CIVAJA, ao lado de Gilson Mayoruna, (Vice-Coordenador), de Manoel Barbosa Marubo (Secretário), do Marubo Jorge Oliveira Duarte

(Tesoureiro), Edilson Kanamari e Tumi Matís (Conselheiros) (MATOS, 2006, p.207).

No entanto, depois da família do Raimundo Dias, vieram mais indígenas comprando terreno. Dentre as pessoas que compraram o terreno, a maioria era de professores indígenas para permitir seus filhos estudarem na cidade, além de outros com dinheiro de aposentadorias e do bolsa família. A partir do ano de 2014, indígenas da etnia Marubo começaram a comprar terrenos naquele local. Os brancos vendiam pedaços de terreno a um preço acessível, que cabia no bolso de qualquer pessoa.

Sobre a compra das casas por indígenas na cidade, dados de uma pesquisa realizada em 2018 indicam que, de 110 casas, 42 foram compradas com salário, 19 foram compradas com o dinheiro de aposentadoria e apenas três respostas afirmam ter adquirido a casa com recurso do Bolsa Família (REIS, 2020; REIS, et. al., 2020). Os indígenas quando querem comprar alguma coisa de valor como casa vão para aldeia e passam aproximadamente seis ou sete meses esperando acumular dinheiro para comprar casa na cidade.

Após o levantamento das etnias que residem no beco Júlio Maurício, identifiquei a origem por aldeias e relacionei com as casas existentes e as respectivas famílias. A maior quantidade de casas é dos Marubo da aldeia Rio Novo, no médio rio Ituí (Quadro 1).

Quadro 1 – Distribuição dos domicílios por Etnia e aldeia de origem

Nº	Etnia	Casa	Aldeia	Família
01	Kanamari	1	Massapê	1
02	Kanamari	1	Irari	1
03	Matis	1	Rio Branco	2
04	Matis	1	Tawaya	1
05	Mayoruna	1	Nova Esperança	1
06	Marubo	4	Rio Novo	4

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Por conta disso, o beco ganhou apelido de “bairro indígena Rio Novo”. Os próprios Marubo colocaram apelido porque moram neste beco todos os Marubo que vieram da aldeia rio Novo. A maioria das casas são construídas de madeira, contendo 1 ou 2 quartos, TV, geladeira e fogão, banheiro fora, tem energia, instalação de água, água somente com caixa d'água no chão.

O beco não tem asfalto e por isso fica muito melado no período de chuva. Durante a noite, os usuários de drogas tomam de conta do beco. Por isso, é muito perigoso andar à noite. Segundo relatos, os moradores já sofreram várias vezes furtos em suas casas, roubo de sandálias, TVs e objetos pessoais. Os moradores do beco afirmam que não tem segurança: dormem e acordam com medo

No segundo momento da minha atividade de pesquisa visitei casas. Saí cedo da minha casa para fazer entrevistas com moradores

indígenas sobre o motivo de terem saído da aldeia para cidade. Como já os conhecia, eles me receberam bem nas suas casas. Tivemos até momento de brincadeiras para não tornar a entrevista chata e tensa. Durante a visita, até tomei café junto com eles em algumas casas de parentes.

Minha primeira entrevista foi com Sebastiana Kanamari, 35 anos. Ela falou que o seu irmão Edilson trouxe mãe, pai e 4 irmãos para morar no município:

Meu irmão trabalhava no movimento indígena com Clóvis [Rufino Reis] e Darcy [Duarth Comapa]. Ele veio primeiro pra Atalaia, comprou a casa e voltou pra pegar nós. Ele não queria deixar a gente morando na aldeia. A gente morava na aldeia São Luís, no rio Javari. Por isso, foi buscar nós. Quando chegamos na cidade, a gente passou necessidades porque na cidade é tudo pago. Meu pai começou pescar, caçar e vendia pra sustentar a gente. Depois que meu pai e minha mãe se aposentaram, começou melhorar as coisas, minha história foi um pouco triste quando cheguei em Atalaia.

A Sebastiana mora com os pais, cuida da família, trabalha no Dsei/Javari como técnica em enfermagem na área indígena Vale do Javari e tem uma filha adolescente, que, segundo ela, está dando muito trabalho. Sebastiana tem ensino médio completo, é formada em técnico em enfermagem pelo Centro Educacional Guarany⁴, tendo concluído o curso no município vizinho de Benjamin Constant. Os dois irmãos construíram famílias com mulheres não indígenas, passaram a morar em outra rua da cidade e nunca mais voltaram para a aldeia de origem.

O segundo entrevistado foi um professor da etnia Marubo formado em magistério indígena pelo Projeto Pira-Yawara⁵ (2013). Ele também foi recentemente formado no primeiro curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia (2022), oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em parceria com a prefeitura municipal e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Depois de muitos obstáculos e desafios, os professores indígenas do Vale do Javari concluíram o curso. Trabalha como professor na aldeia rio Novo, médio rio Itu e tem 40 anos. Ele e seus irmãos têm casas no beco Júlio Maurício. No momento da entrevista, ele disse que veio passar férias com os filhos na cidade.

Eu comprei terreno aqui no ano de 2017. Quando comprei terreno não tinha muita casa e não tinha saída e entrada de Beco. Depois que construí casa para meus filhos morarem e estudarem na cidade, começaram a

⁴ O Centro de Educação Guarany é uma instituição privada que oferece cursos como: Técnico em Enfermagem, Análises Clínicas, Técnico em Nutrição e Saúde Bucal. Tem sedes nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte.

⁵ Pira-Yawara é um projeto do governo do estado do Amazonas criado para atender especificamente a formação de professores indígenas.

chegar mais pessoas pra morar aqui. Na cidade tem muita oportunidade para jovens. Eu e meus irmãos já temos casa; compramos casa pensando no futuro dos nossos filhos. Não quero que meus filhos passem necessidades, dificuldades como eu tive. Só quero que eles estudem e façam boa faculdade, depois voltem para aldeia ajudar os parentes. Só isso eu quero (...).

O professor Marubo e seus irmãos compraram terreno e construíram casas. Cada um deles tem sua própria casa. Durante a fala do professor percebi que ele está preocupado com os estudos dos filhos. Ele quer que seus filhos estudem na cidade e tenha formação para ajudar seu povo. Ele é professor da aldeia Rio Novo e só vem para a cidade no final do ano. Às vezes os filhos vão para a aldeia passar as férias.

Relatou que o motivo de ter construído casa na cidade foi pensar no futuro dos filhos, pois não quer que eles passem necessidade por falta de oportunidade. Segundo Reinaldo, a saída de alguns alunos para o município ocorre por falta da oferta do ensino médio na aldeia: “os jovens querem aprender falar português, eles querem aprender conhecimento dos brancos por isso eles vão para a cidade”.

Imagem 3 – Casa de indígenas da etnia Marubo.



Foto: Arquivo pessoal, 2023.

Durante minha observação, percebi que os jovens estudantes que moram nesse beco não tinham muito interesse em estudar. Eles se interessam mais em jogar bola, na diversão e no consumo de bebida

alcoólica. O assunto deles está mais relacionado ao futebol. Talvez esses jovens não tenham compreendido o anseio dos pais, por morarem sozinhos. Muitos jovens são influenciados pelos colegas não indígenas a fazer coisas erradas, incluindo o envolvimento com uso de drogas. Assim age a maioria dos jovens Marubo que moram no município de Atalaia do Norte.

A terceira entrevista foi com um indígena Matis chamado Baritsiká, da aldeia Tawaya, o primeiro Matis a se envolver com o movimento indígena. Atualmente trabalha no Distrito Sanitário Especial Indígena do Vale do Javari (DSEI-VAJ) como microscopista e passou a morar na cidade a partir do momento em que começou a ter emprego. Só vai pra aldeia no final de ano. Antigamente, ele morava na aldeia Aurélio, no médio rio Ituí. Têm filhos estudantes. Quando ele vai para permanência em área indígena, precisa passar 60 dias na aldeia e os filhos ficam com a mãe na cidade.

O Bari, como é mais conhecido, é um dos Matis mais compreensíveis, pois ele fala a língua dos Marubo, português e a língua Matis. Além disso, sabe se posicionar diante de qualquer problema, ao contrário de pessoas de outras etnias, como Mayoruna e Kanamari que são mais raivosos.

Imagem 4 – Casa de indígena da etnia Matis



Foto: Arquivo pessoal, 2023.

Durante a observação, percebi que os Matis passaram a consumir muitas bebidas alcoólicas que antes não consumiam – a maioria são jovens estudando na cidade. Os Matis homens, apesar de terem contato

interétnico recente com a sociedade branca, não deixaram de usar ornamentos faciais feitos de concha do caramujo aruá, enquanto as mulheres usam mais tatuagens faciais. É uma das etnias que tem maior facilidade de aprender as coisas muito rapidamente. Alguns deles já dominam a língua materna dos Marubo frequentemente, pois, após o contato, eles passaram um certo tempo morando perto das aldeias do rio novo, no médio rio Ituí. A tendência a buscar maior contato com o conhecimento dos brancos já havia sido registrada em outros trabalhos, como o de Ladeira, Nascimento e Matos (2006), no qual afirmam que os Matis, contatados no ano de 1976, decidiram aumentar seus conhecimentos sobre a sociedade nacional, entender melhor o português falado e escrito para dominarem os códigos de comunicação e estabelecer relações mais simétricas nas suas idas à cidade. A escola é o local privilegiado para atingirem esses objetivos e o professor branco fundamental para esse processo. (p.8)

Foi identificada uma casa onde moram três estudantes Matis – dois irmãos e um primo. Segundo eles, a casa é própria, é mantida com Bolsa Família e não tem ajuda de custo dos vereadores e nem da prefeitura. Na maioria das vezes, os pais mandam bananas e macaxeiras da aldeia, mas, às vezes, não é suficiente para eles se alimentarem. A casa tinha 3 quartos, rede, TV, fogão a gás, geladeira, banheiro fora e, como meio de comunicação, um aparelho celular.

Durante a conversa, observei que logo no começo eles ficaram tímidos, demoravam muito para responder as perguntas realizadas. Ficaram até envergonhados com minha presença, mas aos poucos foram deixando de lado a timidez.

O Mayoruna que entrevistei não quisera que eu colocasse o nome dele neste trabalho. Então inventei o nome pra ele de “*Tumi Mayoruna*”, para facilitar a descrição. Segundo *Tumi Mayoruna*, ele veio para cidade estudar, aprender a falar português. Atualmente está trabalhando, um emprego que o prefeito conseguiu para ele estudar e se manter na cidade. Ele mora com esposa, filhos e 2 irmãos que também são estudantes.

Relatou que antes morava na aldeia Fruta Pão, médio rio Curuçá. Veio para cidade estudar e ter boa formação para trabalhar na aldeia, ajudar seus familiares. Ele disse que sente falta da aldeia, das comidas, carnes e ele falou que na cidade é muito quente. Os “*txota*” (branco) já são acostumados a morar assim. Terminou dizendo:

Quando cheguei, estranhei tudo. Pensava que não ia acostumar e pensei em voltar para a aldeia. Mas não quis abandonar os estudos. Meus filhos choravam querendo comer banana e tomar mingau de banana. Já até coloquei eles pra estudar, agora tão aprendendo falar português (...)

Durante a fala deste indígena, percebi que não foi fácil para ele se acostumar a morar na cidade. A experiência dele não foi diferente da de outras pessoas; todos já passaram por isso. A esposa do Mayoruna

também falou das necessidades enfrentadas na cidade; ela está acompanhando o esposo.

Os dois irmãos que moram com o *Mayoruna Tumi* são jovens de 16 e 18 anos. Eles não consomem bebida alcoólica, diferente de outras etnias, pois frequentam a igreja Batista. Também fazem parte do grupo de jovens do Pepe Mayoruna. O Pepe mora no beco Cunha Gomes. Lá tem casa de estudantes do povo Matsés onde eles ensinam os jovens indígenas a aprender a palavra de Deus. Ele é casado com mulher não indígena, cor da pele morena e cabelo cacheado, uma missionária do Rio de Janeiro. Os irmãos do Tumi, acima mencionados, frequentam diariamente esse lugar aos finais de semana.

Os depoimentos que coletei neste exercício etnográfico corroboram informações do recenseamento sociodemográfico participativo da população indígena na área urbana do município de Atalaia do Norte, realizado em 2018 (REIS, 2020; REIS et.al., 2020) no qual se verifica que os indígenas vêm para cidade estudar e concluir ensino médio. A quantidade de alunos nas escolas acaba chamando atenção pelas políticas públicas.

Observei que os indígenas moradores do beco Júlio Maurício, no município de Atalaia do Norte, vieram para a sede do município com objetivo de estudar e aprender a falar português. Pela falta de estrutura das escolas do estado, às vezes criticamos sem ter conhecimento e sem ter diálogo com as pessoas, mas cada um deles tem algum objetivo para ser alcançado. Nos últimos anos, a metade dos estudantes indígenas da TI já saíram das suas aldeias para estudar na cidade. No entanto, alguma coisa precisa ser feita para minimizarem os problemas, mas as autoridades, lideranças e caciques parecem não ligar para essa situação.

De acordo com trabalho de conclusão realizado por mim (MARUBO, 2023), foram identificadas em algumas falas de alunos indígenas os problemas enfrentados e as necessidades vivenciadas dos estudantes indígenas do município de Atalaia do Norte.

Nos últimos anos, a saída de alunos indígenas da aldeia para o município, tem afetado aldeias Marubo com a diminuição dos alunos na escola. Eles saem das aldeias para estudar no município de Atalaia do Norte-AM, em busca de melhorias no aprendizado, principalmente para aprender falar português, muitos deles falam assim: "quero aprender falar português, por isso quero estudar na cidade". Mas acabam se encontrando em situações completamente diferentes, moradia, alimentação, eles não têm o domínio de língua portuguesa, por se alfabetizaram na língua materna, entretanto, não dispõem de recursos para se manter na cidade, alguns ficam pouco tempo e voltam para aldeia. (MARUBO, 2023, p.34)

Com isso, os problemas também têm aumentado como uso de bebidas alcoólicas, envolvimento com drogas e prostituição. Não sabemos até que ponto vão deixar isso acontecer. Atualmente, já tem

jovens indígenas viciados, já aconteceram mortes provocadas por indígenas e não indígenas no município, já houve assassinato de um jovem não indígena (branco) provocado por um jovem da etnia Mayoruna, morador da cidade, em 2017 – ele matou um jovem de 15 anos a facadas durante uma briga; e assassinato de um jovem indígena Kanamari pelo cunhado não indígena (branco) durante uma briga em que levou várias facadas no corpo e acabou não resistindo, morrendo na hora, fato este que ocorreu no ano de 2022, na rua do Quixito. Vejo que a cada dia que passa, os problemas só aumentam.

Essas duas situações relatadas acima foram provocadas pelo uso de bebidas alcoólicas pelos indígenas. Na maioria das vezes ficam agressivos e valentes. Vale ressaltar que nem todos tem esse temperamento de valentia, mas os problemas são sérios e devem ser discutidos pelos representantes indígenas.

Na concepção dos não indígenas, o beco Júlio Maurício foi invadido pelos indígenas. Alguns relatos de não indígenas mencionavam que os índios tinham que voltar para suas aldeias. Outros reclamam que nós, indígenas, temos terra demarcada e que, por isso, não é certo morarmos na cidade. É um assunto muito delicado, mas que deve ser discutido pelas autoridades do poder público.

Se pararmos para refletir, percebemos que muitas coisas faltam nas comunidades indígenas para permitir essas pessoas a continuar morando na Terra indígena. Após ter contato com a sociedade branca, os indígenas tiveram alterações dentro da cultura: eles querem adquirir conhecimento dos brancos, seja no trabalho e nos estudos ou em outros tipos de conhecimento científico. Por isso, acabam saindo das aldeias. Muitos deles já praticam esse conhecimento e comportamento adquirido durante as convivências com brancos.

Outra coisa importante a ressaltar corresponde aos enfrentamentos dos moradores indígenas na cidade. Primeiro, às vezes a própria Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI) que trabalha com saúde no Vale do Javari nega-lhes atendimento no caso de algumas doenças. Eles procuram atendimento na saúde do posto municipal e muitos sofrem discriminação e racismo pelos profissionais de saúde por serem indígenas.

Eles têm lei ou regra que os atendimentos da SESAI são para indígenas aldeados. Os moradores indígenas na cidade devem ser atendidos pelo hospital e posto de saúde do município. Porém, as lideranças já vem sendo discutindo esse assunto várias vezes nas reuniões e assembleias, embora tenham pessoas lá dentro que não aceitam.

Considerações finais

Enfim, a instalação de moradores indígenas no município de Atalaia do Norte, de certa forma, não é aceita pela sociedade branca. Outros acabam fingindo que aceitam, mas na realidade não é verdade, pois há várias situações e motivos que os brancos têm contra os

indígenas. Essa não aceitação de indígenas na cidade já vem acontecendo desde o processo da demarcação da terra indígena Vale do Javari, quando os moradores não indígenas ribeirinhos foram retirados dos rios Ituí, Curuçá, Itacoaí e Quixito.

Nesse período de demarcação, os indígenas sofriam ameaças, preconceito e discriminação nas ruas e em outros locais, eram chamados de “comedor de gente”, “seus índios”, “caceteiros”, palavras que deixavam os indígenas constrangidos e com medo. Com passar dos anos, entre 2005 a 2010, esses tipos de xingamento foram minimizados aos poucos devido à maior presença de indígenas no município; depois de algum tempo, os jovens indígenas já faziam amizade com os brancos. Porém, muitos indígenas ainda sofrem discriminação e preconceito verbal, seja no comércio, na lotérica ou nas escolas, onde os alunos indígenas sofrem com o bullying.

Há vários motivos que trazem os indígenas para morar na cidade. A maioria dos jovens vem para estudar e concluir o ensino médio; outros partem em busca de melhoria de vida e alguns pelos familiares empregados. No entanto, isso causa várias discussões e consideráveis preocupações para os representantes das associações indígenas, afinal, a visibilidade indígena também está ganhando espaço nas políticas públicas do município.

O Relatório do “recenseamento sociodemográfico participativo da população indígena na área urbana do município de Atalaia do Norte-AM”, realizado em 2018, indica os principais motivos para a saída dos indígenas das suas respectivas aldeias. De acordo com questionários aplicados durante o censo, destaca-se a busca por melhores condições de educação (REIS, 2020; REIS, et.al., 2020). Também foram identificadas casas de indígenas que já se adequaram como moradia dos brancos, vivem em casas de madeira, outros poucos têm casa de alvenaria, criaram hábitos de convivência e se alimentam de comidas industrializadas. Ou seja, os indígenas que moram na cidade já vivem conforme a realidade dos brancos, mas nunca deixaram de lado sua língua materna. As mulheres indígenas produzem artesanatos e vendem para sustento próprio.

Uma grande preocupação para os representantes indígenas é como minimizar a saída dos indígenas da aldeia, pois muitos deles não querem mais retornar ao local. Com isso podemos identificar os principais fatores: 1) A vinda de indígenas para cidade é pela falta de melhores condições de vida, principalmente a educação de qualidade, visto que os indígenas querem ter acesso ao conhecimento científico, ao manuseio da área digital (conhecimento de informática) e formação superior; 2) O atendimento da saúde, pois muitos deles não têm melhores atendimentos disponíveis nas aldeias – o Dsei/Javari só faz atendimento básico, com medicamentos antibióticos.

Acredita-se que uma escola com estrutura padronizada para atender alunos indígenas do ensino médio na aldeia e um melhor atendimento em saúde no local, com medicamentos para qualquer tipo de doença, mudariam algumas das condições que hoje motivam a saída de estudantes e outros indígenas da aldeia. Vale ressaltar que os povos

indígenas, assim como qualquer cidadão, têm direito de buscar melhores condições de vida, sendo assim, eles também têm direito de ir e vir para qualquer lugar, conforme garantido na Constituição Federal de 1998.

Referências bibliográficas

LADEIRA, Maria Elisa; NASCIMENTO, Hilton S.; MATOS, Beatriz Almeida. Escolas Indígenas: o porquê de uma ação pedagógica na Terra Indígena Vale do Javari. 2006. Disponível em: <https://www.trabalhoindigenista.org.br>. Acesso em 20 junho 2022.

MARUBO, Josileno. Trajetória de Luta e Conquistas do povo Marubo sobre a política escolar indígena no Vale do Javari/AM. Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Natureza e Cultura-UFAM/INC, 2023.

MATOS, Maria Helena Ortolan. Rumos do movimento indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari. 2006. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

REIS, Rodrigo Oliveira Braga. Das “aldeias” à “cidade” e da “cidade” às “aldeias”: mobilidade, política e presença indígena em Atalaia do Norte-AM. **Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA**, 2020.

REIS, Rodrigo Oliveira Braga. et. al. Povos indígenas do Vale do Javari e o perfil sociodemográfico na cidade de Atalaia do Norte – AM. **Cadernos de Estudos Socioambientais**, v. 1, n. 1, p. 1–31, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/ces/article/view/1825>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Recebido em: 22/03/2023 * Aprovado em: 24/04/2023 * Publicado em: 30/04/2023
